

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS  
HABILITAÇÃO CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA

**ROÇAS XAKRIABÁ: (RE)CONHECENDO OS  
SABERES TRADICIONAIS A PARTIR DAS VOZES DAS/OS  
AGRICULTORAS/ES E JOVENS**



ROSILENE GOMES DE OLIVEIRA  
CRISTIANA DIAS DE SOUSA  
Povo Indígena: Xakriabá – Aldeia Imbaúba 2

Belo Horizonte

2023

ROSILENE GOMES DE OLIVEIRA  
CRISTIANA DIAS DE SOUSA

Percurso acadêmico apresentado para a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à conclusão do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas - Habilitação Ciências da Vida e da Natureza.

Orientadora: Ana Maria Rabelo Gomes

Co-orientadora: Rebeca Cássia de Andrade

Belo Horizonte

2023

## **DEDICATÓRIA**

Dedicamos esse trabalho de conclusão de curso especialmente aos nossos familiares que sempre estiveram conosco nos dando a maior força para que todos os nossos trabalhos fossem realizados. À todo o povo Xakriabá, aos nossos entrevistados, senhor Nicolau, Zeza, seu Felício, José, os professores da aldeia Imbaúba, aos nossos alunos, professores do FIEI, orientadora Ana Gomes, co-orientadora Rebeca, Maiane Gonçalves de Oliveira, ao cacique e lideranças pelo apoio e por terem assinado nossas declarações, depositando em nós sua confiança. Enfim, agradecemos a todos pelo apoio!

## **AGRADECIMENTOS**

### **ROSILENE GOMES**

Eu Rosilene Gomes, primeiramente, agradeço a Deus por tudo que ele tem feito em minha vida, me dando saúde, paciência, coragem, fé, sabedoria e muita força para que esse trabalho fosse realizado.

Agradeço o grande apoio que veio dos meus familiares, em especial, minha irmã Helena que me deu muito apoio para eu fazer a prova da UFMG, me incentivou a terminar meus estudos até me formar. É por ela que estou aqui hoje, formando na Universidade Federal de Minas Gerais.

Sem palavras para descrever, agradeço a Maemes Gonçalves, porque foi em sua casa que tive minhas primeiras aulas remotas emergenciais em 2019, durante a pandemia do coronavírus que afetou nosso país, impedindo nossas aulas presenciais em Belo Horizonte, pois em minha casa não tinha internet e ela me concedeu sua casa para que eu pudesse estudar. Agradeço também seu apoio em ajudar nos envios dos meus trabalhos e até mesmo ao digitá-los para mim, enquanto eu ainda não dava conta.

Não posso deixar de agradecer também Daiane e Andréia pela parceria, que em meio às minhas dúvidas eu estava sempre na casa delas pedindo ajuda e colhendo informações sobre as atividades.

Em especial, agradeço ao meu filho Gustavo Oliveira Ferro, pela grandiosa força e incentivo para eu prosseguir nessa jornada.

Agradeço a todas as pessoas que fazem parte do FIEI (os professores, meus colegas, os/as bolsistas, a minha orientadora Ana Gomes e a nossa co-orientadora Rebeca Andrade e Maiane Gonçalves) pelo grande apoio e conhecimento que me transmitiram durante o meu trabalho de conclusão. À minha companheira de quarto Cristiana pelos momentos bons que passamos juntas durante nosso percurso. Ao nosso cacique Domingos Nunes, a todas as lideranças da etnia Xakriabá pelo apoio e companheirismo.

Aos meus entrevistados, deixo aqui meu muito obrigada pela colaboração e paciência comigo durante essa trajetória, que Deus proteja cada um. Obrigada!

## **CRISTIANA DIAS DE SOUSA**

Eu Cristiana Dias de Sousa quero agradecer, primeiramente, à DEUS pela realização deste trabalho, por ter me dado a oportunidade de estar vencendo mais uma etapa na minha vida.

À minha querida família, meu pai, meus irmãos e meus filhos que foram a minha base, por estarem sempre ao meu lado me incentivando e me dando força para que eu chegasse até aqui. Em especial, à minha querida mãe Maria de Lourdes (em memória) que em vida sempre me orientou a não desistir dos estudos e foi uma heroína que me ajudou em tudo que precisei, deixando em mim a força e coragem de sempre lutar pelos meus sonhos.

À minha companheira de trabalho TCC, pelos momentos que passamos juntas na construção do nosso trabalho. Agradeço também às pessoas que me concederam as entrevistas, seu Felício da aldeia Imbaúba, seu Nico da aldeia Vargens, dona Maria José da aldeia Barreiro Preto, seu José da aldeia Riacho do Brejo e os alunos do 5º e 9º ano, pois foi de grande importância o que eles passaram de conhecimentos e experiências para a construção desse trabalho.

Ao cacique e à liderança pelo apoio e confiança que depositaram em mim pela luta incansável para a gente conseguir permanecer na faculdade. Também agradeço de coração a minha orientadora Ana Gomes, às professoras da minha aldeia Imbaúba, aos professores e bolsistas da UFMG, aos colegas da turma CVN e amigos que contribuíram no meu aprendizado e pelo apoio durante essa minha jornada. Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram nessa pesquisa. Os meus sinceros agradecimentos ao povo Xakriabá. ARIANTÂ.

## LISTA DE FIGURAS

	<b>Pág.</b>
<b>Figura 1:</b> Rosilene Gomes de Oliveira (Lyka). Fonte: Arquivo pessoal das autoras.	<b>11</b>
<b>Figura 2:</b> Cristiana Dias de Sousa. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.	<b>13</b>
<b>Figura 3:</b> Planta de Imbaúba. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.	<b>16</b>
<b>Figura 4:</b> Plantação de plantas frutíferas na nascente. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.	<b>17</b>
<b>Figura 5:</b> Reflorestamento da nascente com alunos, professores, liderança, Prevfogo, brigadistas e comunidade de Imbaúba. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.	<b>18</b>
<b>Figura 6:</b> Regando as mudas para serem plantadas. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.	<b>18</b>
<b>Figura 7:</b> Plantação de cebola: hortas de seu Felício. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>22</b>
<b>Figura 8:</b> Plantação de alface. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>22</b>
<b>Figura 9:</b> Pesquisadoras e autoras deste trabalho em campo. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>23</b>
<b>Figura 10:</b> alunos do 5º ao 9º ano durante a visita nas hortaliças do seu Felício. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>24</b>
<b>Figura 11:</b> Foto do entrevistado Felício fazendo o preparo da horta. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>24</b>
<b>Figura 12:</b> Pesquisa de campo realizada na casa de Seu Felício com os alunos de 5º e 9º ano na aldeia Imbaúba. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>25</b>
<b>Figura 13:</b> Sr. Nico presidente da associação dos agricultores ROMZÃ. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>26</b>
<b>Figura 14:</b> Reunião da associação de agricultores. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>28</b>
<b>Figura 15:</b> Plantio de feijão em sistema de água rolada. Barra do Sumaré, julho de 2023. Foto: Rebeca Andrade	<b>29</b>
<b>Figura 16:</b> Milho colhido na área de retomada nas Caraíbas. Julho de 2023. Foto: Rebeca Andrade	<b>30</b>
<b>Figura 17:</b> Alimentos vindos da roça. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>31</b>
<b>Figura 18:</b> Alimentos naturais (roça Xakriabá). Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>34</b>

<b>Figura 19:</b> Roça de João e Zeza na veredinha, Barreiro, julho de 2023. Foto: Rebeca Andrade	<b>37</b>
<b>Figura 20:</b> Caixa d' água (cisterna) usada para molhar as hortaliças. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>37</b>
<b>Figura 21:</b> Seu José, preparando para irrigar as hortas. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>38</b>
<b>Figura 22:</b> Plantio de seu José. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>40</b>
<b>Figura 23:</b> Planta de nim ( <i>Azadirachta indica</i> ). Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>41</b>
<b>Figura 24:</b> Planta de fumo. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>42</b>
<b>Figura 25:</b> Foto de Eliene Ferreira. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>47</b>
<b>Figura 26:</b> Foto de Gustavo Oliveira Ferro. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>48</b>
<b>Figura 27:</b> Foto de Jaiane Dias Pinheiro. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>49</b>
<b>Figura 28:</b> Foto de Kelvis Duank Ribeiro de Oliveira. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>50</b>
<b>Figura 29:</b> Foto de Maria Santa Ferreira de Alkmim. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>51</b>
<b>Figura 30:</b> Foto de Luana Souza. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>52</b>
<b>Figura 31:</b> Foto de Caio Henrique. Fonte: arquivo pessoal das autoras.	<b>54</b>

## SUMÁRIO

<u>RESUMO.....</u>	<u>10</u>
<u>APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS.....</u>	<u>11</u>
<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>15</u>
<u>1.1 Apresentando nossa aldeia (Dazakru Awrãwdê).....</u>	<u>16</u>
<u>DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....</u>	<u>18</u>
<u>2.1 Justificativa.....</u>	<u>18</u>
<u>2.2 Objetivos.....</u>	<u>19</u>
<u>2.3 Metodologia.....</u>	<u>19</u>
<u>PARTE I: ENTREVISTAS COM AS PESSOAS MAIS VELHAS, AGRICULTORES E</u>	
<u>AGRICULTORAS.....</u>	<u>21</u>
<u>3.1 Entrevista com Felício Dias Gomes.....</u>	<u>21</u>
<u>3.1.1 A produção de hortaliças.....</u>	<u>21</u>
<u>3.1.2 As pequenas produções de hortas.....</u>	<u>22</u>
<u>3.1.3 Buscando alimentos saudáveis.....</u>	<u>25</u>
<u>3.2 Associação Coletivo dos Agricultores e Agricultoras Familiares Indígenas</u>	
<u>Xakriabá - ROMZÃ.....</u>	<u>26</u>
<u>3.2.1 Entrevista com Nicolau Gonçalves Alkimim.....</u>	<u>26</u>
<u>3.2.2.1 A importância da associação para os agricultores.....</u>	<u>26</u>
<u>3.2.2.2 O funcionamento da ROMZÃ.....</u>	<u>27</u>
<u>3.2.2.3 Como funciona o trabalho do presidente de uma associação.....</u>	<u>28</u>
<u>3.2.2.4 A participação dos jovens na agricultura.....</u>	<u>29</u>
<u>3.2.2.5 Agricultura familiar (roças).....</u>	<u>29</u>
<u>3.2.2.6 Lista de sementes.....</u>	<u>31</u>
<u>3.2.2.7 Conhecimento tradicional Xakriabá.....</u>	<u>32</u>
<u>3.2.2.8 A ciência da roça.....</u>	<u>32</u>
<u>3.2.2 Entrevista com Maria José Moreira Alkmim Mota.....</u>	<u>34</u>
<u>3.3 Entrevista e visita ao plantio de seu José.....</u>	<u>38</u>
<u>3.3.1 Os desafios.....</u>	<u>40</u>
<u>3.3.2 A preparação do veneno natural de ninho.....</u>	<u>41</u>
<u>3.3.3 Veneno de fumo e alho.....</u>	<u>42</u>
<u>3.4 Reflexão.....</u>	<u>43</u>
<u>PARTE II: MEMÓRIAS DA ROÇA.....</u>	<u>44</u>
<u>4.1 Rosilene Gomes de Oliveira.....</u>	<u>44</u>
<u>4.2 Cristiana Dias de Sousa.....</u>	<u>45</u>
<u>4.3 Eliene Ferreira.....</u>	<u>46</u>
<u>4.4 Gustavo Oliveira Ferro.....</u>	<u>47</u>
<u>4.5 Jaiane Dias Pinheiro.....</u>	<u>48</u>
<u>4.6 Kelvis Duank Ribeiro De Oliveira.....</u>	<u>49</u>



<u>4.7 Maria Santa.....</u>	<u>50</u>
<u>4.8 Luana Souza.....</u>	<u>51</u>
<u>4.9 Caio Henrique Gonçalves.....</u>	<u>52</u>
<u>4.10 Comentários sobre as memórias da roça.....</u>	<u>53</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS EM VERSOS.....</u>	<u>55</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>62</u>
<u>ANEXO.....</u>	<u>63</u>
<u>Avaliação de Maiane Xakriabá em versos.....</u>	<u>63</u>

## **RESUMO**

Esse trabalho foi realizado nas aldeias Imbaúba 2, Barra do Sumaré, Vargens, Barreiro Preto e Riacho do Brejo no território Xakriabá através de registros em áudios, conversas e entrevistas com os mais velhos e jovens. Nele procuramos documentar a importância das roças, hortaliças e associações dos agricultores para o nosso povo Xakriabá nos anos atuais, deixando aqui registrada essa sabedoria e conhecimento do nosso território e a importância de toda essa beleza da natureza na nossa comunidade. Nosso trabalho teve também o objetivo de fortalecer e recuperar a importância das roças, resgatando as nossas memórias e as memórias das/os jovens que são nossas/os alunas/as do ensino fundamental. Procuramos incentivar a nova geração jovem a dar mais valor a esses conhecimentos que vêm dos nossos mestres, os sábios do nosso território.

**Palavras-chave:** Sábios Xakriabá; Juventude Xakriabá; Comunidade indígena; Roças tradicionais; Educação Indígena.

## APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS

### ROSILENE GOMES DE OLIVEIRA



**Figura 1:** Rosilene Gomes de Oliveira (Lyka). Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Eu me chamo Rosilene Gomes de Oliveira, mas todo mundo da minha aldeia me conhece pelo apelido de Lyka. Nasci na aldeia Imbaúba 2, no dia 25 de março de 1990, território indígena Xakriabá. Tenho 33 anos, sou filha de Teodomiro Gomes e Maria Pereira. Tenho seis irmãos sendo eles: João, Isael, Ana, Helena, Fátima, Rosângela.

Tenho um filho, Gustavo Oliveira Ferro, de 12 anos. Desde que nasci moro na aldeia Imbaúba com minha família. Atuo como professora do ensino fundamental de 6º

ao 9º ano na Escola Estadual Indígena Bananeira, vinculada à escola sede Bukimuju da aldeia vizinha, Brejo Mata Fome. Trabalho pelo estado desde 2017.

Em 1997, com 7 anos de idade, meus pais me colocaram para frequentar a escola. Não era muito difícil porque ela ficava apenas cinco minutos da minha casa. A sala de aula funcionava na varanda da casa de um vizinho. As carteiras eram poucas e a maioria dos alunos se acomodava no chão e colocava os cadernos no colo para poder escrever. Às vezes, quando estava muito quente (calor), os alunos estudavam embaixo das árvores.

Durante esse período, da primeira série ao terceiro ano, foi muito bom, pois aprendi muitas coisas boas com os professores indígenas aqui da minha comunidade. No ano de 2009, concluí o nono ano do ensino fundamental e tive minha primeira formatura na aldeia Sumaré 1. Comecei a estudar o ensino médio a noite na aldeia Brejo e consegui finalizar meus estudos. Em 2017 consegui uma vaga de emprego na escola da minha aldeia, a qual atuo até hoje como professora. No ano de 2019, pela terceira vez, veio em mim o interesse de fazer a prova da UFMG, e para minha surpresa consegui passar em décimo quinto lugar. Foi minha maior felicidade, pois sempre sonhava em um dia ingressar numa faculdade. Principalmente, na Universidade Federal de Minas Gerais.

## CRISTIANA DIAS DE SOUSA



**Figura 2:** Cristiana Dias de Sousa. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Meu nome é Cristiana Dias de Sousa. Eu tenho 35 anos. Sou filha de Maria de Lurdes e José Dias. Já fui casada, agora estou divorciada, tenho quatro filhos: Elivelton, Liliana, Cleiton e Talisson. Moramos na aldeia Imbaúba 2, localizada no território indígena Xakriabá, norte de Minas Gerais. Minha trajetória escolar começou desde os sete anos de idade na escola Brejo, na qual fui matriculada pelos meus pais. Estudei nessa escola da primeira à terceira série com professores não indígenas. A quarta série ao ensino médio já estudei com professores indígenas.

Em 2007, comecei a fazer o curso do magistério indígena em Belo Horizonte, foi muito complicado o primeiro módulo porque tinha que sair de casa e ficar longe da família. A saudade era imensa e parecia que os dias se transformavam em meses. Também estava grávida do meu primeiro filho já no oitavo mês de gestação. O lugar que a gente ficou não era muito bom, muitas vezes senti vontade de desistir, mas minha mãe sempre me incentivou a não desistir e sim continuar. Enfim, consegui formar o magistério e aprendi que não existe vitória sem luta.

Depois de algum tempo tive interesse em fazer a prova para ingressar na UFMG. Como já atuava na escola, queria ter mais um estudo para ajudar a fazer um bom trabalho. Então, fiz a prova três vezes e não consegui passar. Quando foi na quarta

tentativa foi que consegui passar e fiquei muito feliz. Ao mesmo tempo, fiquei triste por ter de deixar meus filhos na aldeia, porque nesta minha nova caminhada já não pude contar mais com a ajuda de minha mãe, pois ela não está mais entre nós. Não é fácil, mas ela deixou em mim aquela força para lutar e conseguir chegar onde eu quero e assim alcançar os meus objetivos. Com fé, esperança e com a certeza de que tudo que eu fizer vai dar certo. Concluindo o curso, espero ter muito aprendizado, conhecimento e levar um retorno de volta para minha comunidade que depositou em mim a confiança de trabalhar nessa aldeia.

## INTRODUÇÃO

O território indígena Xakriabá está localizado no norte do estado de Minas Gerais, e tem atualmente 36 aldeias. O território ainda não foi totalmente demarcado. Nós como povo Xakriabá permanecemos ainda nesta luta para que toda a terra à qual temos direitos possa ser demarcada, pois precisamos garantir o futuro das novas gerações.

O território tem sua organização interna. Existem 4 caciques e 31 lideranças onde trabalham juntos para atender às demandas sociais da população. Também temos nossos pajés que cuidam das pessoas com seus conhecimentos tradicionais.

A vegetação do território predominante é formada pelos biomas caatinga (mata) com grande variedade de árvores, como o angico, aroeira, pau de arco, juá, braúna, etc. O cerrado, conhecido como gerais tabuleiro, possui árvores como pequi, jatobá, tingui, sucupira, cabeça de negro, pau terra, favela, entre outros. Esses biomas são muito importantes porque neles se encontram grande variedade de recursos naturais que são utilizados pelas pessoas na preparação de remédios, na coleta de frutas, caça de animais entre outras utilidades. Podemos encontrar muitos animais em nosso território como mocó, preá, coelho, seriema, tatu, gavião, etc.

A principal atividade e fonte de sobrevivência do povo Xakriabá é a agricultura, como o plantio de milho, feijão, fava, melão, abóbora, caxixe, cabaça, andu, batata, mandioca etc. A tradição do plantio vem desde os nossos antepassados que sempre vêm cultivando a terra, uma cultura passada de geração a geração. Hoje, os produtos já não produzem mais como antes devido a mudança no tempo que já não chove mais como nos tempos passados e a produção não é como a de antigamente. Isso faz com que a população fique mais dependente do mercado, porque os produtos da roça às vezes não dão para o consumo das famílias. Por isso, hoje tem-se essa necessidade de buscar alternativas que ajudem na plantação como projetos de cisternas, calçadões para guardar água da chuva, e assim ajudar a manter as pequenas plantações. Nessas atividades, parte que é feita pelos homens e outra pelas mulheres.

Pelo motivo das roças não produzirem o suficiente para a sobrevivência, muitas pessoas saem de seu território em busca de trabalho em usinas de corte de cana, colheita de café e outros, ficando fora das aldeias por vários meses. Outras pessoas trabalham nas comunidades como pedreiros, professores, serviços gerais, motoristas, técnicos de

enfermagem, agente de saúde, auxiliar de dentista, agente de saneamento básico, carpinteiros, etc.

O território se encontra em situação difícil pela escassez de água, muitas nascentes que eram permanentes já secaram e outras só têm água na época da chuva. Muitas pessoas estão trabalhando na recuperação de pequenas nascentes que ainda existem, fazendo reflorestamento, cercando para evitar o pisoteio de animais, queimadas, poluição e desmatamento próximo às nascentes. Para evitar esses problemas, as pessoas buscam ajuda e parcerias do IBAMA, PrevFogo, entre outros órgãos.

O povo Xakriabá é cheio de desafios e vem sempre superando vários obstáculos, pois a luta é incansável e assim buscar novas formas de sobrevivência. Algumas pessoas praticam a criação de porcos, galinha, bode, gado, peru e pato. Essas criações são para o próprio consumo. Outros já fazem a coleta de frutos do cerrado e do quintal de casa para preparar as polpas e armazenar, para depois serem vendidas até mesmo para as escolas.

### **1.1 Apresentando nossa aldeia (Dazakru Awrãwdê)**



**Figura 3:** Planta de Imbaúba. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.



Esta árvore, chamada Imbaúba, é o motivo pelo qual foi dado o nome da nossa aldeia. É uma planta medicinal, usada para fazer chás e é um excelente remédio para curar febre e gripe.

O nome Imbaúba surgiu devido ao fato de existir bastante árvore com esse nome na nossa aldeia. Antigamente, a aldeia recebia também o nome de Olhos D'água porque tinha bastante água e uma bela nascente.

A água da nascente antigamente atendia toda a comunidade de Imbaúba e era usada para tudo, como por exemplo: tomar banho, lavar roupa, vasilhas, beber e cozinhar. Antes, esta nascente era mais preservada, tinha muitas árvores ao seu redor, mas com o passar do tempo e com a chegada dos poços artesianos, as pessoas deixaram de valorizar as nascentes. Assim, a ação humana acabou desmatando e danificando profundamente as nascentes.

As pessoas jogaram também muito lixo e com isso elas secam muito rápido e a vegetação ao seu redor está um pouco devastada. A nascente para nós é muito importante, pois nela já ouvimos muitas histórias bonitas, é um local sagrado para o nosso povo, é um ponto de encontro de reuniões com a comunidade e é onde também desenvolvemos pesquisas com os nossos alunos da aldeia.



**Figura 4:** Plantação de plantas frutíferas na nascente. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.



**Figura 5:** Reflorestamento da nascente com alunos, professores, liderança, Prevfogo, brigadistas e comunidade de Imbaúba Fonte: Arquivo pessoal das autoras.



**Figura 6:** Regando as mudas para serem plantadas. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

## **DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

### **2.1 Justificativa**

Escolhemos o tema das roças, pois nos identificamos bastante com ele. Adoramos as práticas de atividades de roça e é algo que vivenciamos no nosso dia a dia, pois também cultivamos alguns mantimentos, que contribuem para a nossa alimentação. Devido a tudo isso, e com diversas curiosidades e questões nas nossas cabeças, resolvemos investigar e saber um pouco mais sobre o tema.

Esta escolha se deu também pelo fato de acreditarmos que o povo Xakriabá tem uma maneira própria de preparo do solo, plantio, colheita e a forma com que cada família armazena as sementes para o próximo ano. Assim, quisemos reforçar a

importância das roças Xakriabá e da agricultura para nosso povo. Principalmente, buscamos mostrar aos jovens a importância das roças e valorizar esses conhecimentos próprios dos nossos mais velhos, o respeito pelo solo, pela natureza, já que observamos que hoje esses conhecimentos não estão sendo tão valorizados pelos jovens. Percebemos que essa atividade de roça, está deixando de ser praticada pelos mais jovens, pois muitos não buscam esses conhecimentos que nossos anciãos têm.

Queremos deixar esse trabalho registrado para que as futuras gerações tenham esse conhecimento e que esse trabalho possa servir como base para que outras pessoas também se interessem pelo tema, pois ele é de extrema importância para o nosso povo Xakriabá. Acreditamos que vamos contribuir muito com este tema, pois vamos deixar registrada a importância das roças e da agricultura para o povo Xakriabá.

## **2.2 Objetivos**

O objetivo geral deste trabalho foi buscar e descrever os diversos conhecimentos do nosso povo Xakriabá em relação às roças. Com isso, buscamos valorizar os conhecimentos próprios do nosso povo e registrar as diversas técnicas de plantio e colheita da nossa comunidade e de outras comunidades.

Como objetivos específicos, procuramos descrever os aspectos das roças Xakriabá e registrar de que forma a troca de conhecimento ocorre, e como essas trocas estão presentes no dia a dia. A partir das entrevistas buscamos entender como a prática das roças vem sendo passada de geração em geração, e como fazer para não deixar que isso se acabe.

Além disso, procuramos explicar a importância das roças para os nossos alunos e para as pessoas da comunidade. Tentamos buscar uma forma de trabalhar o tema dentro da escola e da comunidade, incentivando a valorização deste assunto. Nossa intenção foi ensinar às crianças que desde cedo é importante buscar por alimentos sem agrotóxicos, ou seja, alimentos orgânicos, e refletir sobre de que forma isso pode ajudar na nossa saúde.

## **2.3 Metodologia**

Para a realização desse trabalho de pesquisa, foi elaborado por nós um questionário de 4 perguntas, para os nossos entrevistados responderem sobre a agricultura familiar no território Xakriabá. O procedimento foi feito por meio de conversas e observações. As entrevistas foram realizadas em diferentes aldeias e na

residência dos próprios entrevistados. Essas pessoas foram escolhidas para entrevista do nosso percurso, por acumularem grande conhecimento sobre a sua realidade de exercer o papel tão importante que é levar alimentos bons, saudáveis e de qualidade para o povo da nossa comunidade. Foram utilizados para registrar esses materiais de entrevistas, dois celulares para gravar e fotografar, lápis, caderno e caneta.

Realizamos uma pesquisa e um trabalho de campo com os alunos de 5º e 9º ano onde tivemos conversas para que eles pudessem observar de perto e obter conhecimentos sobre o plantio de roças e hortaliças. Foram desenvolvidas algumas atividades na sala de aula como desenhos, poesias e uma produção de texto onde eles contam sua memória da roça que eles já vivenciaram e vivenciam até hoje com sua família.

A importância de termos entrevistado essas pessoas se dá pelo fato de podermos acessar grandes experiências e conhecimentos de quem já exerce esse trabalho dentro do território. Os contribuintes para que esse trabalho fosse realizado são: seu Felício, José, Nicolau, Maria José e os alunos da nossa escola.

Para a construção deste trabalho foram coletados dados através de:

- Conhecimentos próprios;
- Trabalhos de campo;
- Pesquisas com nossos alunos;
- Entrevistas;
- Fotografias;
- Áudios;
- Trabalho de observação;
- Caderno, lápis, caneta, celular entre outros;

## **PARTE I: ENTREVISTAS COM AS PESSOAS MAIS VELHAS, AGRICULTORES E AGRICULTORAS**

### **3.1 Entrevista com Felício Dias Gomes**

A primeira entrevista foi realizada no dia 15 de novembro de 2022. Escolhemos entrevistar o seu Felício Dias Gomes, morador da aldeia Imbaúba, de 59 anos de idade, por ser uma pessoa conhecedora do cultivo da terra e que trabalha na produção de hortaliças. Segundo a fala do seu Felício, hoje em dia a questão das lavouras no nosso território Xakriabá se encontra em uma situação muito difícil.

No cerrado por exemplo, onde antes plantavam e colhiam com fartura, hoje já não se produz quase nada mais. Isso porque, a chuva está muito pouca e não é mais suficiente para obter uma boa lavoura no cerrado. O desmatamento, poluição sem controle também estão afetando não só o nosso território, mas o mundo. Por isso, o nosso planeta hoje pede socorro, a natureza está clamando, os rios estão acabando. Precisamos preservar e recuperar as pequenas nascentes que ainda existem.

#### **3.1.1 A produção de hortaliças**

Seu Felício hoje trabalha com a produção de hortaliças e relata a grande dificuldade que encontra nesse trabalho que é a falta de água. Ele explica, que para ter uma boa lavoura é preciso bastante água e a que se utiliza vindo de poços artesianos não é o suficiente para irrigar bem as hortas. Por isso, ele reforça a importância da preservação das nascentes e do meio ambiente.

Devido aos problemas enfrentados, pela falta de água, ele e outras famílias estão sempre buscando apoio de alguns órgãos como prefeitura, Emater, para trazer projetos que ajudem a continuar com a plantação das hortaliças. Também ele faz parte da associação que foi criada para os agricultores no território - o Coletivo de Agricultores e Agricultoras Familiares Indígenas Xakriabá, ROMZÃ - assim juntos buscam parcerias para ajudar nessa difícil situação. A associação está em busca de projetos que tragam soluções para um armazenamento maior de água que beneficie os agricultores e outras famílias também. Diante de tudo isso, ele mostra a importância de ter uma associação voltada para os agricultores Xakriabá.



### 3.1.2 As pequenas produções de hortas



**Figura 7:** Plantação de cebola: hortas de seu Felício. Fonte: arquivo pessoal das autoras.



**Figura 8:** Plantação de alface. Fonte: arquivo pessoal das autoras.





**Figura 9:** Pesquisadoras e autoras deste trabalho em campo. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

A produção de horta feita pela família de seu Felício Dias Gonçalves é muito rica. Eles desenvolvem esse trabalho no quintal de sua casa, onde plantam vários tipos de verduras como cebola, alho, tomate, alface, banana e cebola sempre verde. Para obter uma boa plantação usam o conhecimento tradicional, sabedoria e cultivam a terra com



amor. Buscam sempre preparar as hortas ao natural, usando apenas adubo encontrado no seu próprio lugar. O que é produzido é comercializado para a escola, comunidades e serve para o consumo próprio da família.



**Figura 10:** alunos do 5º ao 9º ano durante a visita nas hortaliças do seu Felício. Fonte: arquivo pessoal das autoras.



**Figura 11:** Foto do entrevistado Felício fazendo o preparo da horta. Fonte: arquivo pessoal das autoras.



### 3.1.3 Buscando alimentos saudáveis

*“Hoje em dia buscamos mais a consumir alimentos saudáveis e isso queremos levar para nossos alunos na escola para que eles tenham uma boa alimentação, pois o que são produzidos no nosso lugar é muito mais saudável do que vem de fora da aldeia. Sabemos que consumindo alimentos bons estamos evitando o nosso corpo de muitas doenças, mantendo mais a nossa saúde. Pensando nisso, que vem a importância de consumir os alimentos produzidos no nosso próprio lugar e com o esforço e coragem de nos agricultores estamos enfrentando essa luta para que consiga manter o plantio” (Felício, Território Xakriabá, maio de 2023).*

Seu Felício relatou que enfrentou muitos obstáculos, pois muitas pessoas de fora do território não concordam com a ideia de produzirmos o cultivo da lavoura dentro do nosso próprio lugar, porque eles acham que nós não devemos ter direitos das coisas que os brancos têm. Isto porque, com os agricultores do território, não é mais necessário a compra de produtos fora das aldeias.



**Figura 12:** Pesquisa de campo realizada na casa de Seu Felício com os alunos de 5º e 9º ano na aldeia Imbaúba. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

## **3.2 Associação Coletivo dos Agricultores e Agricultoras Familiares Indígenas Xakriabá - ROMZÃ**

### **3.2.1 Entrevista com Nicolau Gonçalves Alkimim**

Nicolau Gonçalves Alkimim de 52 anos é residente da aldeia Barra das Vargens. Ele nos contou que criou e iniciou a associação coletiva dos agricultores, o ROMZÃ, em 2021 onde hoje está completando 2 anos de idade.

Quando surgiu a ideia de criar o coletivo, eles já vinham de uma outra associação onde trabalham e desenvolvem vários projetos muito importantes para o nosso lugar como, casa de farinha, banco de sementes, extrativismo e vários outros projetos que já vinham sendo feitos pela associação na aldeia Barreiro Preto.

Então foi a partir daí que veio a ideia de criar um coletivo específico onde todas as pessoas que fazem parte da associação tivessem seu próprio DAP Jurídico. Isso é importante porque existe uma demanda muito grande de produção e muitas pessoas não conseguiam se enquadrar para poder vender para as escolas, por não adquirir, não conseguir emitir, uma nota fiscal.



**Figura 13:** Sr. Nico presidente da associação dos agricultores ROMZÃ. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

#### **3.2.2.1 A importância da associação para os agricultores**

O Sr. Nico relata sobre a importância dessa associação que ocorre porque hoje existe a intenção dos agricultores e agricultoras venderem os produtos para a escola,

algo que antigamente não acontecia, porque a associação não tinha nota fiscal. Assim, as escolas indígenas compravam os produtos da agricultura lá de fora do território, em nosso próprio município São João das Missões e outros locais. As pessoas da aldeia não participavam porque não tinham uma associação em que enquadravam, não tinham apoiadores para que eles conseguissem fazer a venda para as escolas.

Então, foi pensado em criar essa associação, por haver essa necessidade, porque hoje no território há várias escolas com vários endereços. Hoje, é obrigatório que a escola compre pelo menos 30% da agricultura familiar. Isso dá uma média de 400 mil reais que estavam deixando de deixar aqui no território porque não tinha uma associação capaz de fazer essa venda. Aí então foi criado o coletivo com esse objetivo de fortalecer a questão da agricultura familiar, e no mais também vender.

### **3.2.2.2 O funcionamento da ROMZÃ**

*“A associação hoje funciona assim, porque cada agricultor mora em uma aldeia diferente, e tem uma produção que possa estar vendendo para a escola, então ele vai fazer parte da associação e a ser sócio dela hoje. Por exemplo, tem 22 agricultores que estão no DAP Jurídico, também tem mais sócios que ainda não enquadraram e esta é uma faixa de 30 a 35 sócios e as aldeias dessas pessoas que fazem parte são vargens, barreiro preto, barra do Sumaré, Itapicuru, santa Cruz, riacho do brejo, Imbaúba 2 e Riachão. E as pessoas que ainda estão de fora, quando chega a data de nascimento que renova o DAP, esses agricultores são incluídos” (Sr. Nico, Território Xakriabá, março de 2023).*

Seu Nico mostra como é importante ter agricultores de diferentes aldeias, para que eles possam vender para as escolas de suas aldeias.

*“Outra questão é que, os que não estão o DAP não poderão vender para as escolas, mesmo assim não são deixados de fora, pois pode fazer a entrega dos produtos porque a associação vai pagar para eles. Aquele agricultor que está fazendo parte da licitação é que apresenta os produtos para a escola, e a produção da associação fica com uma taxa de 5%. Por exemplo, se o agricultor vender 100 reais fica 5 reais para a associação, se vender 200 reais tem 10 reais para a associação, se vender 1000 reais ela terá 50 reais, então é esse recurso que mantém o contador a resolver os trabalhos no banco, pois tem que pagar os cheques das escolas que elas pagam para a associação depositar. Após o dinheiro ser depositado na conta da associação que faz os pagamentos em cheque para os agricultores. É da conta da associação também que emite e*



*coloca o depósito na conta do agricultor” (Sr. Nico, Território Xakriabá, março de 2023).*

A forma de comercializar, de vender os produtos para as escolas foi explicada para mostrar que uma parte dos recursos fica para manter a associação.

### **3.2.2.3 Como funciona o trabalho do presidente de uma associação**

Seu Nico como presidente dessa associação, falou muito bem como é o funcionamento dela. É um trabalho voluntário que eles sempre correm atrás das coisas que beneficiem o território. É dedicado bastante tempo, mas às vezes eles não conseguem resolver tudo em apenas um dia. Apesar dos desafios, é um trabalho que a partir dele conseguem produzir para vender, isso também vai ajudar a conseguir uma renda da atividade para os agricultores e agricultoras.

O trabalho é um trabalho voluntário e ele tem que articular outros agricultores, buscar aquele agricultor que está lidando com a produção na aldeia dele. Às vezes é preciso buscar algum suporte, tanto com a FUNAI, quanto com outros órgãos para ajudá-los. Sr. Nico diz que ele precisa estar acompanhando os agricultores, pois não basta ser só presidente, mas é necessário também buscar alguma solução que possa ajudar.

O nome dessa associação se chama Coletivo dos Agricultores e Agricultoras Indígenas Xakriabá, ROMZÂ, que significa SEMENTES.



**Figura 14:** Reunião da associação de agricultores. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

#### 3.2.2.4 A participação dos jovens na agricultura

Seu Nicolau relata que é muito importante que os jovens, possam ter mais interesse pela agricultura familiar, porque não é possível conseguir um emprego permanente para todos, tanto municipal quanto estadual. Ele alerta que hoje, a maior parte dos jovens só pensa em arrumar um emprego e acabam deixando de lado o trabalho nas lavouras, sabendo que ela é uma fonte de renda que ajuda na questão financeira de muitas famílias que dependem da agricultura. Os jovens são o presente da população, e se não se dedicarem a esse trabalho não vão aprender como lidar com a plantação. Como diz o Sr. Nico, sabemos que um dia os velhos irão morrer e é preciso ter outras pessoas para dar continuidade. Então é importante que os jovens acompanhem os pais, para ter e guardar esse aprendizado para que um dia seja repassado às novas gerações. Esse trabalho da roça é uma fonte de renda para muitos agricultores que sobrevivem desse trabalho. Além disso, Sr. Nico lembra que da nossa produção dentro do território são produzidos muitos alimentos saudáveis.

#### 3.2.2.5 Agricultura familiar (roças)



**Figura 15:** Plantio de feijão em sistema de água rolada. Barra do Sumaré, julho de 2023. Foto: Rebeca Andrade.

As roças são atividades de pequenos plantios de milho, feijão, abóbora, melancia, melão, mandioca, batata entre outros produtos cultivados apenas para o

sustento das famílias nas aldeias do território Xakriabá. Seu Nicolau, que lembramos ter tido a honra de entrevistá-lo e saber como é o seu trabalho na agricultura, tem uma produção muito rica e produz diversas variedades de mantimentos. Ele também faz o plantio de hortaliças em quantidade menor para o consumo da família, porque os produtos que ele vende para as escolas são mais voltados ao que produz na roça, por isso ele faz o plantio em maior quantidade.



**Figura 16:** Milho colhido na área de retomada nas Caraíbas. Julho de 2023. Foto: Rebeca Andrade

Segundo ele, hoje enfrenta o trabalho da roça sozinho, só as vezes que tem ajuda da família, pois como sua esposa trabalha na escola não dá muito tempo para ajudar na lavoura. Mesmo assim, sempre que pode, ela vai ajudar ele, principalmente, na colheita dos produtos. Algumas vezes ele paga algumas pessoas da comunidade para ajudar na colheita porque sozinho não consegue. O que ele produz na roça é para alimentação da família e a outra parte é destinada para as escolas, onde tem essa oportunidade de vender e gerar renda.

O objetivo hoje é ampliar e produzir maior quantidade para atender a demanda das escolas e da comunidade, pois muitos têm procurado consumir mais os alimentos do nosso próprio lugar.



**Figura 17:** Alimentos vindos da roça. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

### 3.2.2.6 Lista de sementes

#### Sementes de roça

Feijão de corda

Feijão carioca

Feijão rosinha

Feijão branco

Feijão rabo de tatu

Feijão manteiga

Fava

Andu

Melancia (viúva)

Caxixe

Gergelim

Batata

Mandioca

Abóbora

Moranga

Milho (branco, fofo)

Cabaça

Mongolo



## Sementes de horta

Alface	Açafrão
Beterraba	Abobrinha
Coentro	Salsa
Cebola (sempre verde)	Tomate
Alho	Cenoura
Repolho	Pimentão
Couve	Pimenta

### 3.2.2.7 Conhecimento tradicional Xakriabá

Sr. Nico nos diz que a ciência da roça vem desde os tempos passados onde as pessoas usavam muito os conhecimentos tradicionais para obter uma boa produção. O povo indígena é muito observador e mantém suas culturas no seu modo de viver em geral. Antigamente, quando as pessoas plantavam as roças, ocorria o ataque das pragas nas lavouras como lagartas, gafanhotos, formigas e outros que comiam toda a plantação.

Então para combater os insetos, os mais velhos usavam os seus conhecimentos e a sabedoria de seu povo. Era feito assim, eles iam até a roça e no canto dela rezavam três creio em deus pai e os insetos sumiam. Outra ciência era a de ir em um canto da roça abrir um buraco como se fosse uma sepultura, enchia a mão de lagartas colocava dentro do buraco e enterrava, com oito dias todas as lagartas desapareciam. Assim eles combatiam o ataque dos insetos sem o uso de venenos. Também tinha os eclipses da lua que se caíssem na roça queimavam toda a plantação e para evitar o eclipse era feito uma cruz de algodão e colocava bem no meio da roça.

### 3.2.2.8 A ciência da roça

Hoje tem muita ciência. Na verdade antigamente tinha mais ciências do que hoje, que o povo sempre fazia mas, os mais velhos faziam e ainda fazem, mas só que hoje a maioria já não está tendo esse cuidado. A semente hoje para plantar é preciso ter uma lua boa, como tem a lua cheia, nova, minguante e cada vez que você plantar uma semente nesse período tem a chance de ter uma boa produção. Se a lua não estiver boa você vai ter uma produção não tão boa.

Se plantar e limpar na lua nova, quando ela está bem fina a tendência é ter uma semente de milho que você pode armazenar por mais tempo, não vai dar muito caruncho



não vai ser um milho fraco, mas sim forte. Então tem essas diferenças como Sr. Nico nos diz. É nessa parte que tem pessoas com diferentes conhecimentos tradicionais Xakriabá, como na medicina também. Geralmente, a procura para servir de medicamento ocorre, principalmente, na hora que mais precisa. Isso ocorre tanto na medicina quanto na agricultura familiar e essa tradição vai passando de pai para filho e de filho para neto, ou seja, de geração a geração e vai se crescendo porque, hoje na agricultura tem formas que vamos buscando alternativas para obter boa produção.

Hoje tem também pessoas do povo Xakriabá que estão pegando modelo de fora como bater veneno em vez de limpar, fazendo plantio grande de pastagem e isso é um problema trazido para o nosso território. Mas o modelo tradicional é de fazer tudo na mão, ter o cuidado com a queima das roças para proteger a natureza, não queimar as palhas de milho, do feijão, porque servem de adubação da terra e de alimentos para os animais de criação.

Se nós não formos buscando essas alternativas, começando a chamar a juventude a buscar o resgate do processo desse trabalho fica mais complicado manter o nosso conhecimento tradicional, alerta Sr. Nico. Por isso, ele fala sobre a importância da juventude se envolver na agricultura familiar e assim manter a nossa tradição, obtendo boa safra e uma produção de qualidade.

Além disso, a vida de muitas famílias tradicionais melhorou porque elas passaram a produzir mais e obter uma renda garantida por ter para onde destinar a sua produção, as escolas. As famílias produtoras recebem pelos alimentos produzidos por si próprias, podendo permanecer e trabalhar em suas aldeias e valorizar suas origens, comendo alimentos tradicionais adequados a nossa cultura e bem nutritivos, valorizando o nosso modo de vida e conservando o meio ambiente, garantindo assim uma boa alimentação para todos.



**Figura 18:** Alimentos naturais (roça Xakriabá). Fonte: arquivo pessoal das autoras.

### 3.2.2 Entrevista com Maria José Moreira Alkmim Mota

Entrevistamos dona Zeza porque ela é uma mulher de 45 anos que trabalha na agricultura junto com sua família e faz parte do Coletivo dos Agricultores e Agricultoras Familiares Indígenas Xakriabá, ROMZÃ (sementes). Ela relatou que o coletivo foi criado em 2021 na época da pandemia. Também foi feita uma organização buscando alguns agricultores que tinham interesse em participar do projeto, além de produzir seu alimento para o consumo próprio, mas também para vender nas escolas. O coletivo visou sempre os mais velhos que nunca deixaram de trabalhar nesse fortalecimento de nossas sementes. Zeza reforça que sempre produzimos uma semente de qualidade sem o uso de veneno. “Então a gente buscou essas pessoas que são referências aqui, como seu João de Nana e seu grupo familiar que sempre fizeram a produção”, ela contou.

Foi feito também um mapeamento das pessoas que tinham produção, buscando saber o que eles estavam produzindo e como era feito todo o processo. Na época tinha um projeto para dar suporte ao coletivo por meio do BDMG Cultural - Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais<sup>1</sup>. Zeza contou que essa foi uma iniciativa em que

<sup>1</sup> Veja mais em: <https://bdmgcultural.mg.gov.br/urbeurge/processos/coletivo/romza/>.

eles escreveram e foram selecionados e através desse projeto começaram a fazer visitas a todos os agricultores familiares do ROMZÃ, mapeando suas produções e também seus desafios.

A princípio, pelo projeto, eles conseguiram mapear em torno de 20 pessoas. Entre essas vinte, umas 10 são de grupos familiares Zeza contou que para começar esse mapeamento foi um desafio muito grande que tiveram de enfrentar, pois tinham agricultores que moravam em vários lugares e algumas dessas famílias moravam em regiões dos gerais muito secas onde não tinha água.

Zeza contou que mesmo assim eles iniciaram o trabalho e fizeram depois um encontro em que todos os interessados compareceram. A partir daí, eles aprofundaram no mapeamento da produção do que estava sendo produzido pelos agricultores e agricultoras vinculadas ao coletivo. Zeza informou que eles tentaram buscar esses conhecimentos também para ajudar a incentivar os jovens a conhecer a produção do território. Zeza avaliou que é um desafio tentar fazer com que os jovens gostem da agricultura, e assim fortaleçam cada vez mais esses trabalhos tradicionais dentro do nosso território. Zeza fez uma boa fala que completa o entendimento. Ela disse:

*“também que conforme a gente foi trabalhando, e o pessoal que mora também nas margens da barragem alguns que já estão fazendo parte do coletivo é que produz, é com essa água que a gente começa então a trabalhar essa questão, um pouco também fortalecer na preservação ambiental e começamos então esse diálogo com esses que trabalham e que está no coletivo e com isso, também já tem nos que moramos aqui e utilizamos o sistema de cisterna e que a gente mexe com hortaliça, essa cisterna é de 8 m de profundidade, com essa água dela a gente faz todo o processo de se molhar as hortaliças e são usados microaspersores para molhar e assim utiliza pouca água. A gente já vem nessa caminhada, nesse aprendizado cada vez mais aprendendo. Aí vem então o desafio de participar e entregar nas escolas, nós já vem acompanhando a mais de 20 anos a merenda escolar, observamos o quanto tem evoluído, e uma meta é levar nosso produto para a merenda dos alunos. E para o extrativismo conseguimos avançar bastante e trabalhando no fortalecimento presente dos sucos das escolas né, a gente entregou muitas polpas de fruta, fazemos com que fortaleça nosso extrativismo. Com essas frutas nossas aqui, estamos fazendo um trabalho onde tem uma parceria muito boa, tivemos uma reunião com as lideranças a qual teve participação de diretores escolar que tem feito os editais aqui coletivamente e buscando sempre fortalecer os produtos que temos aqui. Então ano passado 2022 entregamos uma quantidade muito boa de abóbora aquela que muitas vezes é desvalorizada. O feijão*

*catador também é muito rico aqui para nós, ano passado não teve uma colheita muito grande, mas esse ano muitas pessoas já entraram em contato que estão tendo muito feijão catador, daí então a gente leva para discussão com as direções de escola para buscar; então é muito feijão catador, muita mandioca, farinha, polpas de fruta, laranja entre outros. (...) O ano passado a gente conseguiu dialogar com alguns agricultores, esse ano o pessoal já plantou muita batata doce que é um produto que faz parte da nossa alimentação, também esse ano muitas pessoas já mandaram dizer que vai ter muitas batatas, isso é muito bom pois estamos aí nesse meio né, nessa articulação junto com os agricultores. E a gente tem participação de alguns jovens ainda é muito pouco mais eles participam com seu grupo familiar deles, são lá no plantio, na colheita né a gente sabe que tem várias pessoas que ajudam as famílias, aí a gente tem buscado em preparar alguns jovens um ou dois para tomar de conta para dar suporte e ajudar nessa organização porque demanda muito trabalho, muita correria que você tem que articular, porque são 8 escolas que a gente está participando. Ano passado e esse ano conseguimos atender essas escolas com o nosso feijão daqui mesmo, temos também um tipo de feijão rosinha, bico de ouro que por exemplo nós temos conseguido fortalecer o feijão tradicional e tantos outros.com nosso jeito de plantar consorciada com vários plantios que a gente sempre fez junto, porém com essa possibilidade de a gente vender aí o excedente né então é um pouco de trabalho que a gente tem feito. As mulheres na mesma forma, às vezes eu vejo a participação das comparadas aos homens. Aqui a gente tem enfrentado uma dificuldade muito grande em questão da falta de água, principalmente para quem mora longe da água, mesmo assim estamos lutando em busca de um projeto com a iniciativa de pelo menos 10 canteiros, com a grande dificuldade de água sugerimos molhar esses canteiros uma vez na semana, e devemos também buscar as tecnologias para poder ajudar a melhorar a questão da produção” (Zeza, Território Xakriabá, março de 2023) .*



**Figura 19:** Roça de João e Zeza na veredinha, Barreiro, julho de 2023. Foto: Rebeca Andrade

Através desta entrevista aprendemos sobre os métodos de como trabalhar com a agricultura de um modo tradicional, buscando o consumo de alimentos naturais para manter a nossa cultura. Buscando por uma alimentação de qualidade e que mantenha nosso próprio jeito de viver. Aprendemos sobre a importância de repassar esses produtos dos próprios agricultores do território para as escolas. Isso demonstra também a participação das mulheres na agricultura e faz o chamado para os jovens para que os conhecimentos dos mais velhos sejam repassados a eles, e que possam dar continuidade a nossa tradição.



**Figura 20:** Caixa d' água (cisterna) usada para molhar as hortaliças. Fonte: arquivo pessoal das autoras.



### 3.3 Entrevista e visita ao plantio de seu José



**Figura 21:** Seu José, preparando para irrigar as hortas. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

Seu José Lopes dos Santos, de 55 anos de idade, é morador da aldeia Riacho do Brejo. Ele sempre trabalhou como agricultor juntamente com seus familiares. Segundo ele, foi o primeiro agricultor que começou a comercializar produtos de sua lavoura para a escola do território Xakriabá.

*“na época a gente começou com hortas para entregar cheiro verde estas coisinhas poucas aí foi crescendo, hoje eu entrego melancia, abóbora, tomate, um brandinho de coisa Nois entregava mesmo era de pouco, cheiro verde, tempero e banana. quando aperta muito eu pago uma pessoa para me ajudar a prantar, limpar e é assim que a gente leva a vida” (Sr. José Lopes, Território Xakriabá, fevereiro de 2023).*

Seu José não faz uso de agrotóxicos na plantação. Ele mesmo prepara o veneno natural para ser aplicado nos mantimentos. Também não usa adubo comprado fora, usa o esterco de gado, procurando sempre produzir alimentos de boa qualidade para serem vendidos.

Consideramos que nós povos indígenas e comunidades tradicionais pelo fato de mantermos e cultivarmos relações diferenciadas possuímos o compromisso de respeitar a natureza e fazer o uso dela com cuidado para não agredir.

*“O veneno que eu faço aqui mesmo é natural. Na época o chefe nos levou em Januária, bonito de minas, São Francisco para ensinar né que lá tem os colégios e tem os plantios e eles foi ensinar a gente como fazer o veneno da própria horta. Faz o veneno de alho, do ninho, do fumo, e isso é bom que não precisa use comprar veneno é tudo ao natural mesmo” (Sr. José Lopes, Território Xakriabá, fevereiro de 2023).*

A maior dificuldade trazida pelo seu José no plantio é a questão da escassez de água, que não é o suficiente para molhar toda sua plantação. Com isso, ele até perfurou um poço, mas a energia é fraca e a bomba não funciona bem, impedindo de fazer a irrigação correta.

*“É preciso cuidar bem das plantinhas com muito cuidado para que elas tenham uma produção boa. Aqui nestas abobras não passei o veneno natural por isso está feinha e quase acabou tudo, vou arrancar e plantar outra no lugar. Eu plantei bastante feijão e milho, quase dois sacos para o consumo próprio e para ser destinados às escolas e pessoas do lugar que querer comprar. Este ano eu já entreguei para as escolas três mil e poucos quilos de melancia, entreguei no Sumaré, Caatinginha, Custódio, São Domingos, Santa Cruz, Itapicuru, Sapé. Teve um bocado de lugar” (Sr. José Lopes, Território Xakriabá, fevereiro de 2023).*





**Figura 22:** Plantio de seu José. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

### 3.3.1 Os desafios

Seu José relatou sobre os desafios encontrados no seu trabalho. Para molhar sua lavoura é preciso levantar bem cedo e às vezes de madrugada para aproveitar que a energia está um pouco mais forte e dá para funcionar a bomba. Assim, ele consegue irrigar e jogar água em um tanque que tem próximo do brejo onde ele planta para molhar quando a bomba não funcionar.

*“Aqui eu já tenho o poço mais se colocar uma placa solar pra mim é bom porque tem dia que eu numa preguiça de levantar de madrugada porque só a partir de uma hora da manhã que a bomba liga aí funciona bom, mais fora desse horário não dá certo e é perigoso queimar a bomba” (Sr. José Lopes, Território Xakriabá, fevereiro de 2023).*

Com esta entrevista, ele mostra a importância de produzir o veneno natural, porque hoje até o esterco de gado não é mais indicado para adubar as plantas, pois se o



animal comer o capim o esterco não serve para colocar nas hortas, devido ao veneno que alguns batem no capim que eles consomem. Ele sempre conta também com a ajuda de um técnico em agricultura para obter algumas informações sobre as regras do plantio, mas também sem deixar de manter seus conhecimentos tradicionais.

### 3.3.2 A preparação do veneno natural de ninho



**Figura 23:** Planta de ninho (*Azadirachta indica*). Fonte: arquivo pessoal das autoras.

*“Primeiro eu pego folhas ou sementes de uma planta conhecida como ninho, machuca no pilão coloca no tambor com um pouco de água, tampa e deixa uns oito dias para curar, aí quando ele estiver bem curtido coa e coloca em litros. Para ser usados nos mantimentos evitando o ataque de insetos que prejudica a plantação como formigas, besouros e outros” (Sr. José Lopes, Território Xakriabá, fevereiro de 2023).*

### 3.3.3 Veneno de fumo e alho



**Figura 24:** Planta de fumo. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

*“pega umas folhas de fumo despela e machuque bem machucado misturado com alho amassado, coloque em uma vasilha com água e deixa curar por alguns dias para depois ser usado”. Da própria horta nós já faz o veneno que é melhor do que a gente compra, que contém muitas substâncias tóxicas por exemplo se a gente planta um pé de pimenta e bate o veneno que vem de fora a gente vai comer é veneno” (Sr. José Lopes, Território Xakriabá, fevereiro de 2023).*

Com esta entrevista aprendemos sobre a importância de comermos alimentos naturais e saudáveis, assim podemos ter uma saúde de qualidade sem o consumo de alimentos industrializados que prejudicam nossa saúde, valorizando nossos costumes e tradições. Também aprendemos sobre como ter uma boa plantação, protegendo o meio ambiente e a conservação do solo, protegendo e recuperando as nascentes que ainda existem. Além da plantação de alimentos, também encontramos plantas medicinais utilizadas na preparação de remédios caseiros.

Outra coisa bem interessante é a utilidade do veneno natural no plantio, porque os produtos cultivados são mais saudáveis e adequados para termos uma boa alimentação, mantendo a nossa tradição e nossos costumes.

### **3.4 Reflexão**

Durante o tempo da pandemia, as pessoas do território buscaram ainda mais a consumir os alimentos cultivados dentro das aldeias, plantaram mais hortaliças nos quintais de casas, e o plantio de plantas medicinais. Assim, evitavam a saída para fora das aldeias, evitando o contato com a Covid. Isso acabou por incentivar a produção dentro do nosso território.

## **PARTE II: MEMÓRIAS DA ROÇA**

### **4.1 Rosilene Gomes de Oliveira**

Sou Rosilene Gomes de Oliveira, tenho 32 anos e moro na aldeia Imbaúba, município de São Joao das Missões, norte de Minas Gerais. Desde que nasci resido em minha comunidade (aldeia) porque meus pais são indígenas, nasceram e foram criados aqui no território. Minha experiência com a roça vem desde pequena, porque sempre venho acompanhando meus pais no plantio e na preparação da roça e foi juntamente com eles que aprendi tudo sobre nossos trabalhos tradicionais.

Todos os dias ao amanhecer meu pai nos acordava bem cedinho para ir para roça, principalmente, quando era no tempo do plantio, da limpa e da colheita. Quando era mais tarde, quando ia para a roça, o café da manhã era tomado lá. Eles nos levavam para tapar covas, porque semear era somente os mais velhos, pois quando eu e minhas irmãs semeávamos nós colocávamos muitas sementes dentro das covas para terminar logo, e nosso pai só descobria quando nascia. Tinha também muitos mosquitos e moscas que assentavam o tempo todo na gente, principalmente quando suava e isso era muito ruim. Quando era na limpa eu cortava um monte de pés de milho e feijão e escondia embaixo das moitas. Depois o tempo foi passando e fui percebendo o quanto os alimentos da roça são importantes para nossa vida.

O termo roça significa muito para mim, porque é dele que muitas pessoas da minha comunidade dependem para sua sobrevivência. Por isso, sempre lidei com a roça. É dela que ao longo dos anos fui sustentada. Meus pais, sempre me criaram com alimentos adquiridos da mesma, sempre trabalhei com as pessoas da minha casa fazendo as plantações das sementes.

Hoje em dia nossa maior preocupação com as roças é a falta de chuva porque hoje não é mais frequente como antes e a plantação produz muito menos, e nem sempre produzimos o necessário para o sustento da família.

Antigamente chovia mais e os mantimentos davam com fartura, mas de uns anos para cá as pessoas colhem apenas o necessário para o consumo do dia a dia. E isso é preocupante porque muitas famílias aqui na comunidade dependem apenas da roça, porque não têm condições de se manter sem esses alimentos.

## 4.2 Cristiana Dias de Sousa

É com muita dedicação que aqui vou registrar a minha história com a roça dos bons momentos, agora vou lembrar. Por volta dos meus seis anos de idade já acompanhava meus pais no plantio da agricultura.

Meu pai, um homem trabalhador, diz que sempre lidou com a lavoura, mas o que era produzido no lugar não era o suficiente para o sustento da família, então ele saía para outros estados para trabalhar em usinas de açúcar, colheita de amendoim. Assim ele mandava o dinheiro para minha mãe poder criar os seus dez filhos. Minha mãe, uma mulher muito guerreira, ficava em casa cuidando de nós, dos afazeres domésticos, da criação de animais e também da produção, porque era dali que ela conseguia ajudar meu pai a manter a família.

Mesmo assim, a situação não era fácil. Passamos por momentos difíceis para que o alimento chegasse à nossa mesa. Também tinha alguns vizinhos que sempre estendiam as mãos à minha mãe, ajudando o que podiam para não deixar a gente passar necessidade. Com essas dificuldades, todos nós íamos para o trabalho na roça ajudar nossos pais e os que estudavam iam para roça só depois que chegavam da escola, porque nossos pais sempre nos incentivaram a estudar. E desde então, já começávamos participar de alguns serviços e foi com eles que aprendemos todo o processo na produção de pequenas lavouras como semear, catar feijão, cortar fava, fazer coivaras, limpar aceiros etc.

Na época do trabalho na roça todos participavam, desde os mais velhos até os mais novos. Eu, por ser mais nova, trabalhava um pouquinho e ia brincar na sombra das árvores de castelo de areia com meus irmãos. Quando era no tempo da limpa, sofriamos muito com picadas de mosquito e tinha vez que era preciso usar o sumo de folha de fumo para afastar os insetos. Mesmo assim era tão bom porque o dia passava logo e de tardinha voltávamos para casa.

Quando vinha a colheita era um dos momentos mais divertidos em todo o processo, porque a colheita tinha dado com fartura e muitos alimentos para comer. Então toda criançada ia para a roça todos felizes para chupar melancia, comer melão, era uma animação. Era colhido na roça milho, feijão catador, abóbora, feijão carioca e branco, maxixe, cabaça, andu, mandioca. Isso tudo era trazido para nossa casa de carro de boi, de jegue, a cavalo e na cabeça.



Eu gostava também era no mês de junho, época da quebra do milho, mas eu tinha muito medo de cobra cascavel que ficava enrolada nas moitas, lagartixas nas palhas do milho. Teve vezes de chorar com medo desses animais. Enfim, foram vividos momentos inesquecíveis onde tive oportunidades de aprender com meus pais tanto sobre produção de lavouras, quanto as brincadeiras vivenciadas, as broncas da minha mãe para trabalhar direito, tudo isso ficará guardado em um lugar muito especial de minhas lembranças. Hoje estou com 35 anos, já tenho meus filhos e o que aprendi com minha família quero repassar para eles para que esse trabalho importante seja também valorizado por eles.

Por aqui vou parar  
A minha história de contar  
Foi muito bom lembrar  
E neste papel registrar  
Um pouquinho do meu passado  
Poder aqui mostrar  
Obrigada.

### **4.3 Eliene Ferreira**

Meu nome é Eliene Ferreira. Tenho 10 anos. Moro na aldeia Imbaúba, território indígena Xakriabá. Aos sete anos de idade eu já participava do trabalho na roça com meus pais e irmãos. Era muito legal porque eu ia e vinha brincando com eles de breia. Lá na roça eu tapava covas e os outros iam semeando. Meus pais plantavam melancia, melão, abóbora, milho e outras sementes que serviam de alimentos para nós.

Minha irmã mais velha ficava em casa cuidando das tarefas de casa e fazendo o almoço. Quando chegava, almoçava e descansava um pouquinho. Meu pai voltava para a roça porque ia semear o capim em cima das covas de milho para quando colher o milho o capim ficar para alimentar o gado da família, e assim meu pai só retornava para casa às 5 horas da tarde.

No outro dia meu pai acordava cedo, tomava café e ia para a roça fazer cercas, esticar arame e roçar o pasto onde colocava o gado. Até os mantimentos plantados crescerem, eu ficava em casa ajudando minhas irmãs nos serviços de casa como lavar vasilhas, varrer a casa, lavar o arroz para colocar no fogo. Hoje agradeço a Deus, por

tudo que ele tem feito por mim, pois minha família é tudo para mim. Até hoje meus pais trabalham bastante para não deixar faltar nada pra mim e meus irmãos.

Quando der os frutos da roça todos vão para poder trazer melancia, melão, abóbora, umbu, mandioca mansa, maxixe etc. Enfim, tudo que aprendi agradeço aos meus pais.



**Figura 25:** Foto de Eliene Ferreira. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

#### **4.4 Gustavo Oliveira Ferro**

Sou Gustavo Oliveira Ferro. Tenho 11 anos, estudo na escola aqui mesmo na minha aldeia a qual levo apenas cinco minutos para chegar até ela. Moro na aldeia Imbaúba 2, território indígena Xakriabá, norte de Minas Gerais, município de São João das Missões.

Na roça estou aprendendo muitas coisas boas com meu pai. Como ainda não aguento trabalhar, ele está me ensinando de tudo um pouco sobre o que fazer em uma roça de mantimentos. Mas eu já consigo fazer alguns serviços mais leves como tapar covas, semear capim, catar feijão e pegar umbu. A parte de roçar, plantar, limpar e fazer

coivaras fica por conta de meus pais, porque é mais pesado e eu não aguento, também não tenho forças.

A roça é importante para nós porque é dela que tiramos todo o nosso sustento. Sempre vou também com meu avô. Ele tem me ensinado várias maneiras de como fazer um preparativo de uma roça, desde bem pequeno que faço companhia a ele e minha vó quando vão para a roça ou para o brejo trabalhar.

A roça é boa porque plantamos de tudo um pouco, também é um dos meios de sobrevivência do meu povo, porque muitos aqui dependem para se alimentar, criar os animais e vender para adquirir um dinheirinho e comprar outras coisas que não são plantados. Por isso, meu pai sempre me fala para valorizar os serviços da roça porque se não plantarmos sementes para nos alimentar podemos passar fome, pois nem sempre temos o dinheiro para comprar as coisas na cidade.

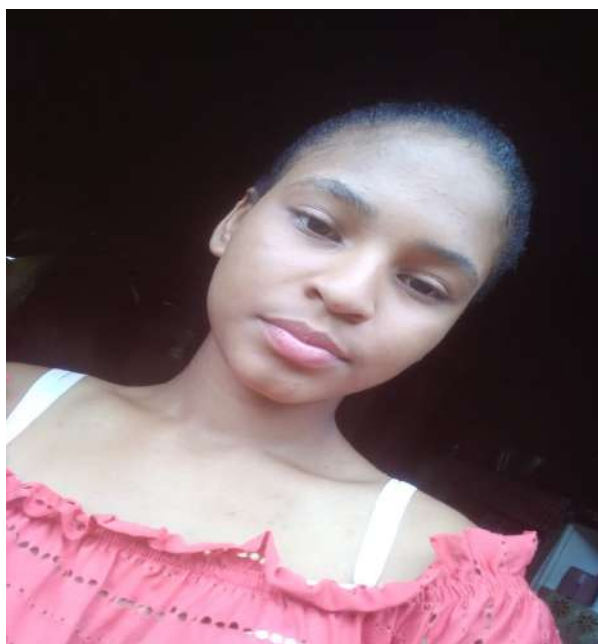


**Figura 26:** Foto de Gustavo Oliveira Ferro. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

#### **4.5 Jaiane Dias Pinheiro**

Sou Jaiane Dias Pinheiro. Tenho 15 anos, moro na aldeia Imbaúba 2, território Xakriabá, município São João das Missões, norte de Minas Gerais. Desde que nasci, resido em minha comunidade, porque meus pais nasceram e foram criados sempre aqui. Minha experiência com a roça vem desde cedo, pois sempre fui participativa nos trabalhos tradicionais, juntamente com meus tios, minha mãe e meu avô no plantio e na preparação da roça.

Eu comecei a ir para a roça desde os meus 7 anos de idade, para poder ajudar a tapar porque semear era só os mais velhos. Todos os anos minha família planta roças para tirar o nosso sustento, pois nem sempre podemos comprar. Eu gostava mais de ir para a roça porque lá eu brincava quase o dia todo de casinha, com gravetos, escrevia e desenhava nas pedras. E muitas vezes quando os mantimentos estavam grandes, eu e meus primos quebravamos um monte de pé de milho e amassavamos muitos feijões, correndo dentro da roça e brincando de breia. Por isso a roça é o bem mais precioso que temos na nossa comunidade. Ela que nos fornece todos os alimentos que necessitamos.



**Figura 27:** Foto de Jaiane Dias Pinheiro. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

#### **4.6 Kelvis Duank Ribeiro De Oliveira**

Sou Kelvis Duank Ribeiro de Oliveira. Tenho 15 anos e trabalho na roça desde os 10 anos. Gosto de trabalhar na roça porque para mim isso é uma terapia, lugar onde esqueço dos problemas, lugar onde o vento é puro, onde converso com meus pais, enfim, é o melhor lugar onde sempre amo estar. Quando comecei trabalhar quase não sabia de nada, mas fui aprendendo aos poucos. No começo eu limpava tudo, cortava pé de milho, de feijão. Na roça também acontecem várias histórias engraçadas, ferroadas de marimbondo, passar a enxada demais e acabar cortando o dedo, escorregar e acabar caindo etc.

No processo de limpar na roça, eu comecei mesmo foi com 12 anos de idade, só ajudava mesmo a plantar, tapar cova, e de vez em quando eles deixavam eu semear, mas

era bem pouco porque eu enchia a cova de milho, então eles não confiavam muito. Agora já posso semear e limpar porque estou bem mais experiente.

Nesses 5 anos que venho indo para o serviço de roça com minha família tenho aprendido muitas coisas boas, que vai ser muito útil para mim no futuro, pois nossas roças tradicionais é tudo que temos aqui em nosso território.



**Figura 28:** Foto de Kelvis Duank Ribeiro de Oliveira. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

#### **4.7 Maria Santa**

Me chamo Maria Santa Ferreira Alkmim, sou residente da aldeia Imbaúba 2 no território indígena Xakriabá. Desde o meu nascimento sempre morei em minha aldeia com meus pais, porque eles nasceram e foram criados aqui na Terra Indígena Xakriabá. Cresci acompanhando meus pais na roça, fazendo todos os trabalhos desde a preparação ao plantio. Eles me ensinaram a cultivar e colher os alimentos, no tempo do plantio vamos tapar as covas. Lá eu observava a quantidade que eles colocavam nas covas para quando precisar já estava sabendo.

Tem algo que não gosto é quando jogo mais da quantidade de sementes e tenho que abaixar para retirá-la da cova, e quando meus irmãos e meus sobrinhos deixam covas abertas para trás e tenho que voltar fechando. Quando chego na roça de meus pais fico muito feliz de ver tantos mantimentos bonitos, frutos de meu trabalho e de minha



família. A roça é um lugar de muita riqueza, pois é através dela que tiramos os alimentos para nossa sobrevivência. Fui criada desde criança com os alimentos cultivados pelos meus pais, por isso valorizo muito nosso trabalho tradicional, aquele que sempre esteve presente na nossa mesa no dia a dia.

Atualmente, hoje em dia enfrentamos uma dificuldade muito grande em nosso território que é a falta de chuva, e com isso afeta bastante a produção dos mantimentos plantados na roça, pois sem chuva as sementes não saem. Mesmo assim, com as poucas chuvas que caem ainda conseguimos produzir o necessário para o alimento da família. Mesmo sendo pouco, ainda dá para colher milho, feijão, fava, abóbora, melancia, melão, feijão catador etc. Também dessa colheita são retiradas as sementes para o próximo ano. Com essas dificuldades fico preocupada com as gerações futuras e com muitas pessoas que dependem desses alimentos para sobreviver.



**Figura 29:** Foto de Maria Santa Ferreira de Alkmim. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

#### **4.8 Luana Souza**

Eu sou Luana de Souza, tenho 10 anos, sou residente da aldeia Imbaúba 2. Comecei frequentar o serviço da roça junto com meus pais e tios, com seis anos de idade. Meu pai construiu uma casa no carrasco onde é nossa roça, assim minha família vai e fica lá para poder trabalhar. Todos os pertences são transportados pelo carro de boi

como água para beber e tomar banho, os alimentos para cozinhar, esteiras de dormir durante a noite. Lá tem muitos pés de coco onde eu e minhas irmãs brincamos.



**Figura 30:** Foto de Luana Souza. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

#### **4.9 Caio Henrique Gonçalves**

Sou Caio Henrique Gonçalves de Oliveira da aldeia Imbaúba 2. Desde que nasci resido aqui porque meus pais nasceram e foram criados aqui também. Sempre venho acompanhando meus pais nos serviços da roça desde muito pequeno.

No tempo da colheita minha mãe prepara muitas coisas gostosas para nós comermos, como pamonha, mingau, milho verde cozido, mandioca mansa, farofa de feijão. Nessa época acendiam fogo e assava milho, era muita fartura. Hoje agradeço a Deus pelo incentivo deles por ter me ensinado o quanto nosso trabalho tradicional é importante para vida de todos.



**Figura 31:** Foto de Caio Henrique. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

#### **4.10 Comentários sobre as memórias da roça**

No trabalho feito pelos alunos de 5º e 9º ano de diferentes idades, podemos observar que todos vão para a roça com seus familiares, para ajudar a tapar as covas que já foram semeadas porque é um serviço mais leve. Os pais levam os filhos para a roça não para forçar eles ao trabalho. O objetivo é que eles aprendam através da observação, pois a criança também aprende brincando. Eles relatam também sobre a alegria de poder estar na roça junto de alguém da família, porque é um lugar bom onde se divertem, respiram ar puro e é de onde vêm os alimentos de boa qualidade. Então a criança já cresce com este olhar de ajudar e ter a responsabilidade de valorizar sua própria cultura e proteger o meio ambiente. Enfim, viver em harmonia com as belezas que a natureza nos oferece.

A pesquisa de campo que fizemos com os alunos foi muito importante porque eles tiveram a oportunidade de observar como é feito plantios de hortas. Seu Felício explicou todo o processo da preparação do solo até a colheita dos produtos. Também os alunos tiveram uma aula prática em uma horta preparada onde eles fizeram o plantio das mudas de alface. Todos participaram muito bem da aula, observaram com atenção e fizeram perguntas relacionadas a mesma. Alguns já tinham o conhecimento porque os pais plantam pequenas hortas nos quintais de casa e nos brejos. Muitos falaram que com

o trabalho de campo tiveram mais conhecimentos e aprendizados em relação ao cultivo e ao plantio.

De acordo com a pesquisa, foi feito um memorial de cada um falando como é sua participação no trabalho de roças com sua família. Todos produziram uma história onde relataram sua participação, experiência e aprendizagem que adquiriram junto de seus pais. Os resultados desta atividade apresentados acima demonstram belezas, aprendizados que vêm mesmo diante dos desafios dos trabalhos nas roças do nosso território.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS EM VERSOS

Através desse trabalho  
Queremos mostrar  
O meio de sobrevivência  
Do povo Xakriabá

Na aldeia Imbaúba  
Fizemos entrevista  
Buscando informação  
Para nossa formação

É sempre bom lembrar  
Do lugar em que viemos  
A história repassar  
E mostrar o que aprendemos

Aqui vamos relatar  
Sobre as roças do lugar  
Pois somos Xakriabá  
E aqui vamos pesquisar

É com muita dedicação  
Que aqui vamos registrar  
Sentimos até emoção  
Do passado relembrar  
Pois o verde da plantação  
Era visto em todo lugar

Com a sabedoria dos anciões  
Tudo era feito em primeira mão  
Não precisava de veneno  
Para proteger a plantação



Para proteger as pragas  
Uma reza eles faziam  
Depois de três dias  
Todas elas desapareciam

O povo Xakriabá  
Mantinha sua alimentação  
Retirava da natureza  
Com muita dedicação  
Respeitando a beleza  
Que tinha a vegetação

No território Xakriabá  
Plantavam roças de montão  
E todas as famílias  
Trabalhavam em mutirão

O trabalho em mutirão  
Sempre eles faziam  
Pois com força e união  
O trabalho deles rendiam

Que chove de montão  
E molhe a plantação  
Pois queremos ver o verde  
De toda vegetação

Para hoje plantar  
É preciso pensar  
Captar água da chuva  
Para os mantimentos molhar

Mesmo com a mudança  
Todo ano plantamos roça

Com fé e esperança  
De cair uma chuva grossa

Antigamente chovia bastante  
E as roças davam de montão  
Todos iam alegres e contentes  
Olhar a sua plantação

Hoje sentimos saudades  
Do tempo da fartura  
Era uma felicidade  
Ter uma boa agricultura

Todos enfrentavam o trabalho  
E ninguém ficava parado  
Para quando na época da chuva  
As sementes ser plantadas

Pois era da agricultura  
Que muitos sobreviviam  
As roças davam com fartura  
Porque muitas chuvas caiam

As mulheres guerreiras  
De todo trabalho participava  
Da casa até a agricultura  
Com amor elas cuidava

As pessoas de antigamente  
Viviam mais contentes  
Pois o verde da plantação  
Alegrava seus corações

O trabalho era duro  
Um sol quente de rachar  
Mas logo vinha a chuva  
Para o povo plantar

Homens, mulheres e crianças  
Trabalhavam juntos no roçado  
Essas são grandes lembranças  
Que temos do nosso passado

Até as comidas  
Dos nossos antepassados  
Era bem diferenciada  
E de outro jeito preparada

A canjiquinha com feijão  
A polenta com galinha  
tinha também a paçoquinha  
Que fazia quase todo dia

O famoso pirão  
O picado de taioba  
Temperado com açafrão  
Plantado nesse chão

Hoje fico a pensar  
Como tudo aqui mudou  
Nada é mais como antes  
Tudo se modificou

Sinto muito em dizer  
Que hoje está tudo mudado  
O que produzia com fartura  
Já está tudo acabado

Pois chove muito pouco  
E do pouco o que é plantado

O que já passou  
Nunca vai ser esquecido  
Pois sempre nos ensinou  
Os nossos anciões queridos

Aos jovens e crianças  
Peço que pense com amor  
Não esquecer da nossa cultura  
E daqueles que nos ensinou

Pedimos a eles também  
Para sempre valorizar  
Todos os conhecimentos  
Dos anciões Xakriabá

Os nossos entrevistados  
Nos recebeu com muito amor  
Tudo que eles nos contaram  
Vai ser o TCC registrado  
Pois tudo o que passou  
Na memória vai ser guardado

Agradecemos a eles  
Com nosso muito obrigado(a)  
Nos recebeu com amor  
E sobre a agricultura relatou

Dos estudantes da (CVN)  
Não podemos esquecer  
Da nossa grande amizade  
Que vimos florescer

A nossa orientadora  
Temos muita gratidão  
Por ter nos orientado  
Com muita dedicação

Com muito carinho  
Foi ela que nos ajudou  
Nos dando apoio  
Ajudando com amor

Foi muito bom pesquisar  
Muitas coisas aprendemos  
Novos conhecimentos fomos buscar  
Para neste trabalho registrar

A todos os professores  
Que puderam os ajudar  
Mostrando os valores  
Que podemos conquistar  
Agradecemos aos do fiei  
E os do Xakriabá

Aos nossos familiares  
Agradecemos a incentivação  
A terminar esse curso  
E ter em mãos a formação

Agradecemos a deus  
Por ter nos ajudado  
A realizar esse trabalho  
E ser finalizado



Por aqui vamos terminar

E nos desculpar

Por estes simples versos

Que aqui vamos deixar

ARIÂTÃ!!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, Beatriz Dias (2019) *Plantio de horta na aldeia Imbaúba como meio de sobrevivência visando a prática nas escolas*. Monografia de Graduação (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) - Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

OLIVEIRA, Isamara Gonçalves de Sousa; MOTA, Marcilene Ferreira Gama da; SOUSA, Romaria Gonçalves de (2017) *Plantio no brejo: o manejo do feijão na aldeia Barra do Sumaré, Terra Indígena Xakriabá*. Monografia de Graduação (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) - Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

## ANEXO

### Avaliação de Maiane Xakriabá em versos

Durante a nossa defesa pública deste trabalho de percurso, Maiane Xakriabá esteve na banca e fez uma excelente avaliação em versos, que é uma forma nossa indígena de comunicação. Gostamos tanto de sua avaliação, que junto das nossas orientadoras pedimos a permissão de colocar

Primeiramente para começar  
A Deus quer agradecer  
Pela oportunidade  
E Cristiana e Rosilene por me escolher.

Quero aqui a elas  
Com certeza parabenizar  
Pois o trabalho está belíssimo  
E aqui quero destacar.

Vou começar destacando  
As roças e hortaliças do nosso lugar  
Pois é meio de sobrevivência do nosso  
Povo Xakriabá.

Vou citar aqui também  
Uma certa associação  
É a ROMZÃ de agricultores  
E agricultoras da nossa região.

Através desta associação  
Os agricultores para as escolas Xakriabá  
Podem vender seus alimentos  
Para a merenda escolar enriquecer.

Agricultura familiar só veio para ajudar  
Pois o coletivo faz a diferença  
E a união faz as coisas andar.

Neste trabalho riquíssimo  
Fala muito sobre conhecimento  
Tradicional onde explica sobre  
As ciências da roça segundo seu Nicolau.

Dona Zeza Xakriabá  
Conta que a agricultura veio  
Para fortalecer trazendo novas possibilidades para  
O nosso povo desenvolver.

Os alimentos naturais  
Das roças e hortaliças são fornecidos para  
A merenda escolar o qual os agricultores  
Fazem a produção para garantir a  
Qualidade da alimentação.

Desde alface, cheiro verde e até  
Mesmo pimentão são alimentos  
Plantados e colhidos por jovens  
Homens, mulheres e anciãos.

A receita é de um veneno natural me  
Chamou a atenção a base de folhas de  
Ninho que são machucadas no pilão.

Usado para aplicar nos mantimentos  
Da sua plantação evitando o ataque de  
Insetos para não prejudicar na produção.

Ao ler as memórias da roça muita  
Coisa pude compreender lendo  
Histórias de jovens e crianças que  
Relata que depende desses  
Mantimentos para sobreviver.

São histórias que chama atenção pois  
São diferentes maneiras de relatar  
Falando sobre a atividade da roça e as  
Formas de plantar e cultivar.

Mais uma vez  
Aqui vou parabenizar  
Rosilene e Cristiana  
Por esse trabalho que muito vai ajudar.

Ajudar as futuras gerações  
E todos os nossos lugar  
Destacando a importância dos agricultores  
E agricultoras familiar.

Por aqui vou terminando  
Encaminhando para encerrar  
Agradeço a todos aqui presentes  
Maiane Xakriabá.